

O ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DAS SUAS CATEGORIAS DE ANÁLISES

GUILHERME LIMA GUIMARÃES¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

TAINARA DOS SANTOS NASCIMENTO²

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

GLAUBER BARROS ALVES COSTA³

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Resumo

Esse trabalho, tem como principal objetivo apresentar os conceitos de todas as categorias geográficas que foram incorporadas pela Geografia desde a sua reformulação em 1970, são elas Espaço, Território, lugar, Paisagem, Região e Rede. Haja vista que, as contribuições dessas classes de análises dessa ciência sob algumas abordagens em sala de aula contribuiu para o desenvolvimento de teorias acerca de resoluções de problemas socioambientais, socioeconômicos e socioespacial que começaram a ficarem mais intensas no final do século 20. O método utilizado foi o de revisão bibliográfica, onde partiu de análises de artigos científicos publicados em periódicos, de revistas de Ensino de Geografia, quanto a escolha dos materiais eram de acordo a temática estabelecida, as ações recomendadas foram de encontro as teorias e praticas dos próprios autores, visto que os mesmos já possuem experiência em sala de aula com o ensino de Geografia. Os resultados e discussões apontaram que a Geografia é a ciência que tem a capacidade de estudar a sociedade a partir de categorias de análises, essas permeiam a interação dos elementos naturais com os humanos, pois é nessa inter-relação que o componente consegue explicar criticamente o desenvolvimento da sociedade capitalista através da exploração da força de trabalho, dos recursos naturais e culturais que foi marcante a partir da segunda revolução industrial e que vão desencadear outras formas de exploração. Enfim, as contribuições dessas classes de análises dessa ciência sob algumas abordagens em sala de aula contribuiu para o desenvolvimento de teorias acerca de resoluções de problemas socioambientais, socioeconômicos e socioespacial que começaram a ficarem mais intensas no final do século 20.

Palavras-chave: Categorias de Análises. Ensino. Geografia.

Abstract

This research' main objective is to present the concepts of all geographic categories that have been incorporated by Geography since its reformulation in 1970, namely Space, Territory, Place, Landscape, Region and Grid. The contributions of these classes of analysis of this science under some classroom approaches contributed to the development of theories about solving socio-environmental, socioeconomic and socio-spatial problems that began to become more intense at the end of the 20th century. The method used was a bibliographical review, which was based on analyzes of scientific

¹ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia – PPGEO da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB – Campus Vitória da Conquista.

² Bacharel em Administração pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

³ Doutor em Educação (UFSCAR) com doutorado sanduíche na Universidade de Lisboa em Portugal (ULISBOA). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Licenciado em Geografia pela UESB-2004 e licenciado em Pedagogia pela Claretiano.

articles published in periodicals of Geography Teaching magazines, the choice of materials were in accordance with the established theme, the recommended actions were in line with the theories and practices of the authors themselves, since They already have experience in the classroom teaching Geography. The results and discussions showed that Geography is the science that has the ability to study society based on categories of analysis, which permeate the interaction of natural elements with humans, as it is in this interrelationship that the component can critically explain the development of capitalist society through the exploitation of the workforce, natural and cultural resources, which was notable after the second industrial revolution and which will trigger other forms of exploitation. Finally, the contributions of these classes of analysis of this science under some classroom approaches contributed to the development of theories about solving socio-environmental, socioeconomic and socio-spatial problems that began to become more intense at the end of the 20th century.

Keywords: Analysis Categories. Teaching. Geography.

Introdução

Toda ciência tem um objeto de estudo e com a Geografia não é diferente, sendo essa o espaço geográfico pautado por categorias como: Espaço, Território, Região, Lugar, Paisagem e Rede que são mecanismos científicos que possibilitam a sociedade compreender que vivem em um espaço delimitado e condicionado por diversas relações como a de poder até às questões de afetividade. A leitura da realidade não é algo tão simples, por isso, a ciência geográfica tem contribuído para que as pessoas pudessem se posicionar no mundo não só no sentido localização, mas também através de uma linguagem crítica acerca dos problemas sociais, políticos, econômicos e culturais que nos cercam até os dias atuais.

3040

Desse modo, os conhecimentos geográficos assumiram ao longo do tempo o papel de investigar e compreender a realidade que estamos inseridos, haja vista, que a Geografia tradicional⁴ só tinha a função de descrever os fenômenos por se só pautada no método positivista. Já a Geografia que surge nos anos de 1970 até os dias atuais elaborada e pensada a partir do método do materialismo histórico e dialético consegue fazer a relação entre trabalho e capital colocando os dois como contraditórios, porque o capital ele surge e se difunde a partir da exploração da força de trabalho, gerando por conseguinte uma relação de desigualdades e hierarquias na sociedade, essa contradição é a explicação para muitos dos anseios da ciência geográfica atualmente.

Nesse sentido, a nova ciência que surge no final do século 20 possibilitou o entendimento não só dá delimitação do espaço por se só, mas sim das relações sociais que existem e que marcam aquele local, ações essas que foram suficientes para conseguir criar escalas espaciais diversas que transformaram o espaço geográfico em categorias de análises

⁴ Assim, a unidade do pensamento geográfico tradicional adviria do fundamento comum tomado ao Positivismo, manifesto numa postura geral, profundamente empirista e naturalista (MORAES, 1986, p. 22).

que conseguiram dialogar com os problemas da sociedade que marcam e marcaram a vida dos alunos público alvo. Porém é de suma importância que a escolha da categoria de análise correta seja de acordo o fenômeno estudado ou observado, visto que, os professores terão que estarem aptos a abordar em sala de aula às dimensões individuais e cotidianas dos discentes, porque a realidade dos discentes são permeadas por fatores tanto científicos quanto do senso comum, desse jeito, é impossível desconsiderar a realidade sócio-histórica dos indivíduos como bem disse Freire (2002, p. 11) “[...] A leitura de mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, isso só reforça que não dá para impor a educação científica sem entender e buscar a realidade dos alunos como ferramenta pedagógica eficiente.

A Ciência Geográfica

A Geografia, assim como a História, a Sociologia, a Filosofia, toda a ciência humana e social tem como objeto de estudo a interpretação da realidade a qual estamos inseridos porque a tomada de consciência social não ocorre anterior ou posteriormente ao sistema capitalista que estamos inseridos, ela ocorre na medida em que as disparidades tanto econômicas, sociais, políticas e culturais vão se acentuando devido ao avanço desse sistema. Nesse sentido, passaram a demandar o aparecimento de ciências que pudessem através de estudos dar respostas a questionamentos acerca de uma nova vida social que estava surgindo com a segunda fase da revolução industrial. Esse momento foi um divisor de águas a respeito da necessidade de termos uma educação científica designada a desempenhar um papel de desalienação a respeito da exploração sofrida pelo sujeito, nesse momento não só a educação básica, mas também a acadêmica passaram a intermediar a tomada de consciência do proletariado⁵. Essa polidez é desenvolvida e estimulada a partir da própria realidade que vivemos, de modo que a teoria que vemos e desenvolvemos em sala de aula são mecanismos que nos permitem enxergar aquilo que está implícito socialmente.

Portanto, a ciência geográfica se torna uma área que exige que o discente seja curioso, questionador e, ainda, que tenha uma boa capacidade de interpretação da realidade que os cercam, proporcionando ao ser humano mecanismos de compreender processos e fenômenos sociais, políticos e culturais e de apresentar-se de forma ética, responsável e autônoma diante de fenômenos sociais e naturais. Se, no campo das ciências naturais, o sistema radicular de uma planta denuncia o tipo de solo presente ali, nas ciências humanas são as relações entre sociedade e natureza que vai determinar que organização social teremos, de modo que a constante

⁵ “A classe trabalhadora moderna - os proletários” (Marx & Engels, 1848: 490).

identificação desse ambiente aparece-se como condição crucial para que o sujeito compreenda, interprete e avalie os significados das ações realizadas anteriormente ou posteriormente a determinado evento, o que o coloca como responsável tanto pelo saber produzido quanto pelo controle dos fenômenos naturais e históricos dos quais é moldado a superfície terrestre. Conforme Corrêa (2011, p. 16), “como ciência social a geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território”.

Espaço

O espaço é uma das categorias de interpretação da realidade mais expressada dentro do conhecimento geográfico, uma vez que, o objetivo central dessa área de conhecimento não é somente a delimitação física, de um determinado local e sim das relações sociais como também naturais que são expressadas ali tanto no passado como no presente, onde o homem é o grande definidor desse ambiente a partir de suas relações de interdependência com o outro, porque tanto antes como agora o mesmo precisa produzir e consumir para alimentar o ciclo de subsistência. Desse modo, o espaço, é uma instância que será determinada a partir das transformações sociais feitas pelos homens por uma questão de necessidade não só individual, mas coletiva.

O espaço reproduz a totalidade através das transformações determinadas pela sociedade, modos de produção, distribuição da população, entre outras necessidades, desempenham funções evolutivas na formação econômica e social, influencia na sua construção e também é influenciado nas demais estruturas de modo que torna um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (Santos, 1979, p.10).

Para tanto, o espaço é algo que passou a existir como uma totalidade trabalhada historicamente por um agente social a partir de uma existência natural, ele ocorre pelas nossas demandas cotidianas que vão desde o pãozinho que tomamos o nosso café da manhã até uma pizza que consumimos a noite entre amigos ou familiares. Logo, é importante frisar que são as relações sociais que vão criar os espaços, entretanto, essas serão intensificadas através do trabalho que propiciou ao homem a sua subsistência. Na medida que o aprimoramento das técnicas de exploração, tanto da natureza como da força de ofício através da divisão social e sexual do trabalho⁶, fez com que houvesse uma evolução não só do espaço, mas também do

⁶ A divisão sexual do trabalho é o que elucida o estreito vínculo entre trabalho remunerado e não remunerado. Articulando a esfera da produção econômica e da reprodução social, foi possível observar que as obrigações

tempo histórico, na medida que a sociedade capitalista de desenvolvia as diversas formas de organização social ficavam mais plurais criando diversos espaços sociais.

Seria impossível pensar em evolução do espaço se o tempo não tivesse existência no tempo histórico, (...) a sociedade evolui no tempo e no espaço. O espaço é o resultado dessa associação que se desfaz e se renova continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em evolução permanente. (...) Somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se podem interpretar as diversas modalidades de organização espacial (Santos, 1979, p. 42-43).

Dessa forma, foi justamente a partir do elo entre espaço e tempo condicionado pelas ações humanas que não só a reformulação da Geografia de Milton Santos na década de 70 como outras ciências utilizaram o materialismo histórico e dialético de Marx como base teórica metodológica. A utilização do método materialista como reformulação veio justamente porque ele tinha como característica a busca pela articulação das ideias através da materialidade histórica da vida do ser humano em sociedade, ou seja, é uma forma de reencontrar pela motilidade das ideias as leis fundamentais que definem o conjunto organizativo dos homens durante a história da humanidade.

Visto que, o próprio Marx disse “a história da humanidade é a história das lutas de classe”, as suas teorias eram revolucionárias lutavam contra toda e qualquer forma de exploração a qual a classe trabalhadora estava submetida, dado que a sociedade é marcada pela divisão em classes sociais entre aqueles que detém ou não os meios de produção, os que tem são a elite que representa uma parcela mínima da sociedade em termos quantitativos, porém é a mesma que fica com todo o monopólio⁷ do capital adquirido pela produção exploratória.

Nessa perspectiva, é importante trazer o conceito de Espaço a partir de Milton Santos⁸ dialogando com Marx é a melhor forma de dizer que realmente o espaço é uma categoria que é organizado socialmente, adquiriu formas e funcionalidades historicamente, uma vez que se situa sobre a morada do homem e do ambiente de vida que precisa ser constantemente reorganizado, portanto não existe espaço sem a presença do homem, haja vista que esse é o resultado de uma montagem de uma estrutura, malha da necessidade sociais ao longo da história entre produzir, distribuir, comercializar e consumir.

domésticas limitavam o desenvolvimento profissional das mulheres, implicando carreiras descontínuas, salários mais baixos e empregos de menor qualidade (Bruschini, 2006).

⁷ Dicionário exemplo 2: comércio abusivo que consiste em um indivíduo ou grupo tornar-se único possuidor de determinado produto para, na falta de competidores, poder vendê-lo por preço exorbitante.

⁸ Milton Santos é considerado por muitos como um dos mais renomados intelectuais do Brasil no século XX, uma vez que trabalhou em grandes universidade mundo a fora, foi um dos grandes nomes da renovação da geografia no Brasil ocorrida na década de 1970.

Visto que, é importante ponderar o geógrafo Milton Santos como referência para se discutir a categoria “Espaço” é muito enriquecedor, porque o mesmo foi o grande responsável pela reformulação da Geografia no Brasil nos anos de 1970, ciência essa que a partir dessa reforma passou a utilizar o método do materialismo histórico e dialético como base de leitura da sociedade daquele tempo que se estende até os dias atuais. A utilização dessa base foi necessária devido à necessidade da demanda por respostas por parte da sociedade civil organizada frente aos problemas como desigualdade social, econômica, política e cultural vivenciada no final do século 20 que estava ganhando forma de revolução como resiliência ao sistema capitalista imposto.

Neste ambiente praticamente revolucionário, a teoria de referência era o marxismo, efetivado com várias faces: historicista, estruturalista etc. Autores como H. Lefebvre, D. Harvey e M. Castells (na Itália, F. Indovina, B. Sechi, A. Magnaghi e outros) sugeriam novas interpretações do espaço geográfico como ‘território’, isto é, como objeto de disputa e dominação (...) das relações sociais de produção. (Damatteis, 2005, p.15).

Assim, para Santos (1999, p. 18) “[...] o espaço seja definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”. Em outras palavras esses sistemas são criados pelo homem com o objetivo de manipular e apropriar da realidade construída.

Território

Diferentemente do Espaço que tem como base as relações entre os homens e esses com a natureza, o Território já é mais complexo porque envolve encadeamento entre os agentes sociais, políticos e econômicos que participam ativamente da administração de um determinado recorte geográfico, a assimetria⁹ dessas bases aliada a necessidade de gerir aquele local acaba criando uma relação de poder, controle, domínio e apropriação. O exemplo mais concreto que podemos utilizar é um país, que tem seus limites territoriais compreendido, delimitado e regulado como uma nação. Esse surge a partir de uma totalidade desencadeada pela ação do homem através do trabalho que possibilita outras relações, sobretudo quanto a produção e ocupação, visando sempre transformar a natureza em prol da sociedade não só como meio de subsistência, mas também como ascensão social.

Enfim, o território é fonte de recursos e só assim pode ser compreendido quando focado em sua relação com a sociedade e suas relações de produção, o que pode ser identificado pela indústria, pela agricultura, pela mineração, pela circulação de mercadorias etc., ou seja, pelas diferentes maneiras que a sociedade se utiliza para se apropriar e transformar a natureza (Spósito, 2004, p. 112-113).

⁹ Dicionário exemplo 2: grande diferença; disparidade, discrepância.

Portanto, na medida que os homens vai moldando a superfície territorial visando o lucro em detrimento da vida, e as relações de poder vão se intensificando, havendo uma negação natural da natureza. Logo, o território vai materializando na medida que as relações sociais são intensificadas visando a otimização de tempo e espaço a partir do desenvolvimento de técnicas que produz além do consumo, à qual é definido por uma condição de poder ou não acessar aquilo que ele mesmo produziu, essa condição de inferioridade imposta pelo sistema acaba acirrando as relações entre o ter e o não ter, o que faz com que tenhamos disputa territorial dentro do próprio território seja política, econômica, social ou cultural.

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens super impuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. (Santos, 1996, p.51).

Desse modo, é importante entender que é diante não só a necessidade, mas também ao objetivo que acaba conferindo as complexidades ao uso diferente do território afim de atender aos interesses dispostos de um grupo ou mais em detrimento de outro. Independente de que tipo de relação de poder que é expressada é necessário que o homem é que seja o produtor do espaço geográfico, ao longo da história os mecanismos de posse e apropriação foram vetores importantes para mostrar que o território pode ser dominado por uma simples comunidade ou por um Estado-nação¹⁰. Portanto, a conceituação dessa categoria se expande além das fronteiras de um país podendo explicar mais fenômenos geográficos por disputa de poder que ocorrem dentro do próprio território por pequenos ou grandes grupos, um exemplo prático é a disputa de grupos milicianos diferente para controlar determinada periferia no Brasil.

O território é produzido espaço-temporalmente pelas relações de poder engendradas por um determinado grupo social. Dessa forma, pode ser temporário ou permanente e se efetiva em diferentes escalas, portanto, não apenas naquela convencionalmente conhecida como o “território nacional” sob gestão do Estado-Nação. (Saquet, 2004, p. 81).

Assim sendo, o primeiro passo para trabalhar território é definir conceitualmente essa categoria, para que os alunos percebam que esse é basicamente envolvido através de relações de forças entre os diferentes grupos sociais. Essa troca de forças é, somente, se for entre grupos sociais dominantes como por exemplo entre políticos opositores é importante citar as relações de poder que estão estabelecidas desde no âmbito local até demais escalas regionais ou globais.

¹⁰ Um Estado-nação é uma totalidade de pessoas que se considera parte de uma mesma nação, nessa perspectiva podemos dizer que o povo brasileiro é um Estado - nação, uma vez que todas as sociedades modernas estão organizadas sob o comando de um governo instituído que controla e impõe suas políticas a uma totalidade.

Neste sentido, as disputas de poder entre prostitutas de grupos rivais até entre dois grupos políticos opositores do Estado de São Paulo é classificado como território; a demarcação do território pode ser feita na própria sala de aula utilizando a forma como a sala se encontra organizada, visto que geralmente são compostas por grupo diferentes que os professores costumam chamar de “panela”, cada um é organizado de acordo aos seus interesses e afinidades. Nas próprias palavras de Raffestin (1993, p. 143), podemos entender com clareza essa relação de espaço e território “necessário compreender bem que o espaço é anterior ao território, este forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível”;

É nessa perspectiva que o estudo de fronteiras entre os países, entre as divisas dos estados ou até mesmo entre os limites dos municípios podem ser feitas com o uso de diversos tipos de mapas procurando demonstrar que pode existir territorialidade sem estado, mas que é praticamente impossível existir Estado sem território isso fica claro nas palavras de Santos (2005, p. 20) “Pode-se falar, portanto, de territorialidade sem Estado, mas é praticamente impossível nos referirmos a um Estado sem território”;

A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”).

Uma vez que, o ensino de Geografia a partir das categoria território pode ser explorada também através dos conceitos que apontam os processos históricos construídos em diferentes escala tempo-espacial a partir do território usado, esse ensino/aprendizagem pode se dá por meio de análises de como o Estado organiza o território nacional, regional e local;

São por esses sistemas sêmicos que se realizam as objetivações do espaço, que são processos sociais, É preciso, pois, compreender que o espaço representado é uma relação e que suas propriedades são reveladas por meio de códigos e de sistemas sêmicos. Os limites do espaço são os do sistema sêmico mobilizado para representa-lo. (Raffestin, 1993, p. 144).

Portanto, a construção o objetivo teórico-metodológico e conceber a formação territorial a partir da Influência de atores sociais (Estado, empresas nacionais e internacionais, latifundiários, pequenos produtores locais, comunidades tradicionais e demais atores sociais envolvidos no território em análise) enfocando as relações de poder estabelecidas num determinado território independente do grau de disputa.

Lugar

A categoria lugar historicamente surgiu dentro das discussões da ciência geográfica, onde sempre apareceu como um mecanismo de leitura do cotidiano social. Por ser mais direta ao espaço de vivência, passou por reformulações em diferentes tempos, mas sempre foi tratada como um dispositivo importante dentro das relações sociais locais. Esta é uma categoria que permite entender não só as relações abstratas, mas também as concretas, entretanto durante muito tempo dentro da própria Geografia trabalhavam com essa classe somente resguardando a dimensão localização de um determinado ponto do espaço geográfico. O lugar a partir da reformulação geográfica passou a ser aquele local conhecido, afetivo e pertencido, é onde relacionamos não só por necessidade, mas também por cumplicidade, nele somos alguém sem mesmo ter status, faz parte da nossa construção pessoal e coletiva “[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança” (Relph, 1979, p. 156).

Haja vista, que somos feitos para o mundo a partir do mundo, somos socializados a cada encontro na igreja, no templo, no terreiro, na loja, no círculo, na roça, na sinagoga, na mesquita, desde o primeiro dia na alfabetização até o último dia na universidade somos moldados para a sociedade, um dos recorte espacial que melhor defini o conceito de lugar é o nosso quarto porque é um ambiente que além de ser conhecido, afetivo e pertencido é uma síntese bem definida das nossas relações afetivas, pois é lá que estão a nossa família mesmo que essa não se encaixe perfeitamente nos padrões da sociedade. Portanto, é lá que as pessoas têm laços afetivos, onde se buscam as maiores referências pessoais a partir de valores que serão preservados ou passados a diante porque por mais que o lugar é algo particular, mas ele foi feito e se faz outros tantos que parte do local para o global.

[...] significa pensar a história particular (de cada lugar), se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é, que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição mundial. (Carlos, 1996, p. 20).

Portanto, o lugar é um ambiente que nos proporciona desenvolver e estabelecer as nossas concepções subjetivas a partir do emocional, pois são os laços que se tem tanto em casa quanto na rua que vai proporcionar o tipo de cidadão que cada um se tornará, uma vez que as relações culturais que condiciona o ser, o agir e o pensar e essas condicionantes são transferidas para a educação tanto formal quanto informal através do idioma que se aprende, como

vestimos, como nos comportamos, o que e de que forma alimentamos, a religião seguida que contribui na nossa moral e bons costumes e etc...

Além disso, o lugar é um espaço capaz de nos moldar, porque é por intermédio dos lugares que se dá a comunicação entre homem e mundo (BRASIL, 1998). Desse modo, é preciso que o professor tenha consciência de que as categorias de análise geográfica não devem ser trabalhadas isoladamente. A relação ensino/aprendizagem é complexa, desse modo possui várias dimensões de ordem social, política, econômica e cultural que interferem na dinâmica da sala de aula. Dessa forma, o professor precisa de recursos didáticos além dos materiais pedagógicos disponibilizados pelas escolas. O lugar pode ser trabalhado com o uso de músicas: trabalhar com músicas, como por exemplo: “saudade da minha terra” de Chitãozinho e Xororó. O próprio título da música já indica a relação de identidade entre o ser e o espaço. A partir dessa música pergunta lá podem ser feitas como: Que tipo de lugar é descrito na música? Quais as características físicas e humanas do lugar? Quais as relações estabelecidas entre o ser humano e o espaço que se encontra atualmente distante? Na educação, o conceito do lugar deve ser perpassado e desenvolvido como espaço de vivência, haja vista que é lá que estão inseridas nossas necessidades existenciais, as formas de interações com as estruturas institucionais públicas ou organizacionais e as pessoas.

3048

Paisagem

Definir o conceito de paisagem enquanto categoria é algo que vai de contramão daquilo que aprendemos desde pequenos sobre o que é paisagem, sendo essa abordagem cotidiana não científica é chamada de senso comum. Dentro desse conhecimento popular, aprendemos que tudo aquilo que está dentro das quatro paredes é ambiente e o que está fora é paisagem como a vista fora de uma janela, como a beleza de um jardim ou algo semelhante, a praia que frequentamos, o parque de final de semana, o zoológico, a praça que sentamos com amigos ou familiares, dessa forma, fomos ensinados de que a capacidade da nossa visão que determina a paisagem que teremos.

Por outro lado, a categoria paisagem é muito complexa, uma vez que se configura uma leitura da realidade a partir de mais de um mecanismo subjetivo do ser humano como as percepções sensoriais como o toque, gosto, cheiro, cores e etc. Segundo Santos (1998, p. 61) “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem (...). Não apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.”. Portanto, a paisagem tem a capacidade de mexer com a nossa percepção quando chegamos em um determinado local e

sentimos um cheiro agradável ou não a nossa relação com aquele lugar pode mudar, outro exemplo é quando apreciamos uma comida ou uma bebida típica de determinado local isso faz com que adquiramos uma relação especial com aquele determinado recorte, desse modo não podemos conceituar essa categoria isoladamente sem a relação subjetiva do homem com a natureza que a produz, Santos (2014, p. 68) “a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos”.

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial. (Santos. 1996, p. 65).

Em virtude disso somos, impulsionados a todo momento a interpretar a realidade como homogênea¹¹, estática e singular, porém a educação formal por meio de teorias que fazem uma leitura da realidade derruba essas ideias estereotipadas, a Geografia por meio das suas categorias assume atualmente esse papel desmistificador, a paisagem por sua relação entre o natural e o artificial ganha uma imensa relevância, além de ser uma unidade visível do espaço.

Sugestões para o ensino: O estudo pode começar na escala menor que é a observação da paisagem no espaço de vivência do estudante, como nas proximidades da casa de cada um e na escola como vivência em comum de todos os alunos; É preciso que o professor faça anteriormente as análises, uma orientação aos estudantes acerca da necessidade das múltiplas diferenças de linguagens existentes na leitura da paisagem: se for utilizar imagens (nessa temos figuras, fotografias e filmagens), músicas, literaturas, e documentos de diferentes fontes de informação, pode-se utilizar tudo que permita a análise e interpretação da paisagem escolhida; mediante essas temáticas as sugestões de Lisboa (2002), tais como: as grandes paisagens naturais do planeta terra; estabelecimento de comparação entre paisagens de diferentes países enfatizando os aspectos socioeconômico, culturais e ambientais; diferenciar paisagens urbanas, rurais e áreas industriais, assim como paisagens naturais e modificadas.

Nesse contexto, seria interessante a utilização de várias dinâmicas como elaboração de um mapa mental de um trajeto conhecido pelo aluno a partir das observações entre os aspectos das diferentes paisagens seja ela cultural ou natural. Se for um trajeto desconhecido, pode estabelecer uma ida a campo, com elaboração de um roteiro antes para facilitar a mediação o trajeto pode ser da escola a algum parque próximo, visto que esse pode ser um local de

¹¹ Homogêneo é uma palavra usada para se referir a algo ou objetos que possuem pontos em comum, como funções, formatos, tipos ou estruturas parecidas.

socialização dos referidos alunos ou familiares afim de estreitar relações socioculturais. Além dos mapas mentais pode confeccionar também murais, painéis e cartazes.

Região

Buscar o conhecimento em torno da análise das regiões, é muito instigador, visto que é uma categoria geográfica que vem construir um elemento comum entre áreas espaciais distintas, ou seja a formação de uma unidade territorial parte do princípio da homogeneidade, se um fenômeno acontece ao longo de um espaço linear uniforme com características específicas esse logo será tratado como Região. Desse modo, para se estabelecer uma regionalização é preciso adotar critérios específicos para diferenciação de áreas, sendo esses políticos, culturais, naturais ou econômicos, o estabelecimento regional do Brasil partiu de um critério natural. A partir disso, a partilha em região nos possibilita a compreensão do modo como esses critérios pode homogeneizar áreas grandes repletas de diversidades ou heterogeneidades “a região não é uma unidade que contém uma diversidade, mas é produto de uma operação de homogeneização, que se dá na luta com as forças que dominam outros espaços regionais, por isso ela é aberta, móvel e atravessada por diferentes relações de poder (Albuquerque Junior, 1999, p. 24).

Como resultado, a regionalização do nosso país que possibilitou o surgimento de estereótipos acerca da região Nordeste, é bem comum verem pessoas se referindo a esse espaço como um lugar seco, pobre e atrasado, como se o território dá Bahia até o Maranhão fosse composta somente pelo Sertão e não pelo Agreste e também Zona da Mata. Mas, isso é um discurso estereotipado que surgiu atrelado a uma relação de poder onde não somente políticos de outras regiões utilizaram a questão climática como um propósito para justificar o atraso socioeconômico do mesmo para tirarem suas responsabilidades da má gestão que não conseguiram sanar seus respectivos problemas, como também dos próprios políticos e intelectuais do próprio Nordeste que reproduziram essas ideias estigmatizadas para conseguirem recursos do governo federal para suas propriedades.

Por outro lado, o regionalismo é muito mais do que uma ideologia de classe dominante de uma dada região. Ele se apoia em práticas regionalistas, na produção de uma sensibilidade regionalista, numa cultura, que são levadas a efeito e incorporadas por várias camadas da população e surge como elemento dos discursos destes vários segmentos (Albuquerque Junior, 1999, p. 28).

Nesse sentido, a essência da regionalização é estabelecer diferentes critérios para abstração da realidade, uma vez que as condições dentro de uma região podem revelar as complexidades existentes tanto dentro de um país quanto a nível global ou continental, visto que as condições de desigualdades econômicas são as mais expressadas, disparidades que

revelam o perfil de país que se tem e a posição deste em relação a outras nações, além de revelar outros problemas estruturais como renda per capita dentre outros assuntos, para Albuquerque Júnior (1999, p. 92) as “regiões refletem tanto diferenças no mundo quanto ideias sobre diferenças”.

Desse modo, o estabelecimento de um processo regional requer cuidado e análise histórica do recorte espacial que vai ser dividido, uma vez que as condições sociais, econômicas, políticas e culturais vão ser fundamentais para o tipo de região que surgirá e como essa vai ser definida dentro de um território porque essa não surge aleatoriamente ela é produto de um conjunto de ideias e intensões geralmente de um grupo dominante.

Portanto, nenhuma região ou recorte espacial surge do nada. Por trás do aparecimento de uma área denominada região houve e ainda há vários aspectos que contribuíram para sua formação, aspectos estes que devem ser estudados e classificados para que se possam entender as características e atribuições que lhe são dadas (Castro, Guimarães e Costa, 2022, p. 164).

A regionalização do Brasil retrata bem a importância da compreensão histórica que levou ao estabelecimento daquela divisão, visto que as atribuições convergentes ao Nordeste são totalmente discrepantes ao Sul e Sudeste. Essas formas estereotipadas em relação ao Nordeste de certa forma advém de uma herança histórica do processo de regionalização do nosso país, visto que tivemos outros tipos de divisão além da estabelecida pelo IBGE que foi a divisão geoeconômicas em complexos regionais.

No Brasil, uma das maiores e mais evidentes contribuições da forma de pensar o conceito de região se deu nas primeiras décadas do século XX, sobretudo no ano de 1930, quando se iniciaram os esforços do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em estabelecer uma divisão regional para o país (Castro, Guimarães e Costa, 2022, p. 163).

Sugestões para o ensino: Explicar o conceito da categoria região a partir da definição geográfica, partindo do real - espaço vivido dos alunos, ou seja suas localidades – para o abstrato, aquele espaço das ilustrações conceituais; Partir do processo de regionalização com base nas diversas propostas existentes que surgiram ao longo do tempo, por exemplo: a divisão regional estabelecida pelo IBGE; divisão geoeconômica (complexos regionais).

Nesse momento é preciso que o docente deixe explícito os critérios que foram adotados; Outra proposta mais comum e que é adotada frequentemente é fazer o estudo das regiões a partir de diferentes escalas de análise (local, regional, nacional e global) nesse processo é utilizado a cartografia como objeto de conhecimento e aproximação dos locais.

Rede

A categoria rede, apesar de ser antiga por ter surgido lá no século 19 com Lavoisier na Química transpondo o sentido de articulação e interdependência dos elementos, na Geografia

é uma forma nova de leitura de mundo que surge no final do século XX, a sociedade naquela conjuntura se encontrava em um estágio de desenvolvimento muito grande, com suas bases montadas de acordo às necessidades não só humanas, mas também as de mercado que se articulavam em fases da produção, circulação, comercialização e consumo, essas fases eram tão móveis e dinâmicas que uma dependia da outra tanto em nível nacional quanto internacional.

Nos anos 1970 já não se pode mais desconhecer a relação em rede, que então surge, articula os diferentes lugares e age como a forma nova de organização geográfica das sociedades, montando a arquitetura das conexões que dão suporte às relações avançadas da produção e do mercado (Moreira, 2007, p. 57).

Como consequência de se chegar a formulação dessa nova categoria de interpretação, teve que adotar uma condição específica para entender o estágio das relações humanas sob a superfície terrestre diante um contexto político, social, cultural e econômico do mundo naquele tempo espaço que daria conta da demanda tanto científica quanto da sociedade civil organizada nas palavras de Santos & Silveira (2001, p. 11) “escolher um caminho de método significa levar em conta diversas escalas de manifestação da realidade, de modo a encontrar as variáveis explicativas fundamentais”. Porém ao adotar um critério, nesse não pode se limitar as condições locais em detrimento das globais ou vice-versa, pois a noção de rede está atribuída a capacidade tanto dos pontos materiais e imateriais de se conectarem de acordo aos fluxos¹² existentes às necessidades dos fixos¹³ que se estende desde uma pequena vila local até uma grande megalópole internacional associadas a uma interdependência mercadológica.

3052

Um conjunto de localizações geográficas interconectadas entre si por um certo número de ligações. Este conjunto pode ser constituído tanto por uma sede de cooperativa de produtores rurais e as fazendas a ela associadas, como pelas ligações materiais imateriais que conectam a sede de uma grande empresa, seu centro de pesquisa e desenvolvimento, suas fábricas, depósitos e filiais de venda (Corrêa, 2001, p. 107).

Ao mesmo tempo, toda estrutura que foi montada por séculos através do sistema capitalista, é que a corrente teórica metodológica Rede vai passar a estudar as relações humanas abstratas e concretas com a superfície terrestre. Como disse Santos (1999) as redes não correspondem aos fluxos em detrimento dos fixos, uma vez que haja fluxos, precisa ter os fixos, visto que o primeiro precisa ter origem e destino, nessa interação, os fixos são constantemente

¹² "produtos, mercadorias, mensagens materializadas- como ainda objetos imateriais: "ideias, ordens, mensagens não-materializadas" (SANTOS, 2013, p. 155).

¹³ alguns exemplos mais específicos de fixos: as casas, portos, armazéns, plantações, fábricas (Santos, 2013, p. 155).

usados e reusados. De modo, que os conceitos se complementam e relacionam, desse modo, fluxos geram fixos que por sua vez geram novos fluxos.

Dessa forma, os fixos, são as formas e funções postas geograficamente, já os fluxos estão relacionadas ao modo como cada um assume o processo, sendo fixos tudo aquilo que está solidificado materialmente como as cidades e dentro delas os centros comerciais, os econômico, as organizações públicas e privadas, mas esses não se sustentam sem a intersecção com os fluxos de mercadorias, pessoas, informações, capitais e etc. Essas formas e funções como qualquer fenômeno na sociedade capitalista não acontecem de maneira uniforme ao longo do território nacional ou mundial, por conta das ações hegemônicas desenvolvidas em determinados centros em detrimento de outros, em áreas hegemônicas historicamente vão convergirem pesados investimentos em ciência e tecnologia aos quais as técnicas sempre proporcionará uma gigantesca fluidez de pessoas, capitais, serviços e mercadorias. Entretanto nas áreas subdesenvolvidas os fluxos serão lentos, geralmente são os países classificados como emergentes ou de “terceiro mundo” como é o caso do Brasil. Em escala mundial, os graus de dinâmica estabelecida entre os fixos e fluxos serão de forma heterogênea, visto que em determinadas áreas os graus de fluxos serão gigantescos, dessa forma essa desigualdade pode ocorrer tanto em nível global quanto nacional, como no Brasil existem as regiões Sudeste que historicamente recebeu mais incentivos que a Nordeste e Norte.

3053

Por vezes, trabalhar a categoria rede nas aulas de Geografia, talvez seja bem mais fácil do que parece, visto que a hierarquia das cidades, assim como a importância econômica acaba definindo os nós da malha global que ditam as regras do capitalismo as chamadas metrópoles nacionais e regionais, centros regionais, subcentros regionais e cidades locais. Nesta perspectiva, é que entra a chamada interligação entre esses nós da rede urbana, geralmente é nesses locais que os fluxos de mercadorias, de capital, de pessoas, e de serviços acontecem (LISBOA, 2002). Portanto, é necessário mostrar ao discente que na conjuntura atual do capitalismo os chamados subcentros regionais podem estabelecer condições financeiras diretamente com uma aldeia global, principalmente a partir dos atuais avanços da nova fase do capitalismo do meio técnico-científico-informacional, desse modo, agora as novas cidades globais não precisam ter relações com as velhas hierarquias urbanas de outrora.

De tal forma que, trabalhar a Divisão Internacional do Trabalho (DIT) associados ao desenvolvimento desigual e combinado em relação aos países de primeiro mundo em detrimento do terceiro mundo; apresentar as fases do capitalismo desde o capitalismo comercial até a fase do capitalismo Técnico-Científico-Informacional; trabalhar com exemplos de redes

de bancos, de comércio, de supermercados e shopping centers; pensando na perspectiva dos fixos e fluxos trazer uma análise da estrutura urbana de um país, região ou cidade da perspectiva histórica até os dias atuais; apresentar as redes de transporte de pessoas, mercadorias, informações e econômicas principalmente a partir dos quatro brasis de Milton Santos; trabalhar globalização na perspectiva de Milton Santos com ênfase para as novas hierarquias urbanas.

Considerações Finais

Enfim, fazer um estudo acerca das categorias espaciais da Geografia é de suma importância, porque é a partir delas que passaremos a compreender melhor as singularidades do espaço geográfico, pois a análise do território é complexa precisando assim entendermos que a interpretação de um determinado fenômeno deve seguir a categoria que melhor se adequa a pesquisa ou trabalho desenvolvido. Dessa forma, um conceito se sobressai ao outro, sendo preciso adotar um objeto específico para conseguirmos da conta do tipo de abordagem que queremos impregnar da realidade socioespacial que estamos postos, politicamente, socialmente, economicamente e culturalmente.

3054

Referências

- ALBUQUERQUE JR., D. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco e Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- BRUSCHINI, C. Mulher e trabalho: uma avaliação da década da mulher (1975-1985). In: **CARVALHO, N. V. (Org.) A condição feminina**. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1988.
- CARVALHO, Maria Bernadete Sarti da Silva. **Meio Ambiente e Cidadania: A interface Educacional**, 2004. 224f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.
- CASTRO, Fabíola Lima; GUIMARÃES, Guilherme Lima & COSTA, Glauber Barros. OS ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÕES DA REGIÃO NORDESTE NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA. **Revista Ensino de Geografia (Recife)** V. 5, No. 2, 2022.
- CORREA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito-chave da geografia**. In: CASTRO, Iná Elias de e outros (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 14.ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Dimensões de análise das redes geográficas. In: **Trajетórias Geográficas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a. p. 108-18.
- DEMATTEIS, G. Geografia Democrática, território e desenvolvimento local, **Formação**, n.12, v.2, 2005, p.11-26.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em Três Artigos Que se Completam.** São Paulo: Cortez, 2002.

MARX, Karl & Engels, Frederick. (1845-1846). The German ideology. In: Marx & Engels **Collected Works** (vol. 5). Disponível em <<https://marxists.anu.edu.au/archive/marx/works/cw/volume05/index.htm>>. Acesso em 20 ago. 2022.

MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. ETC: Espaço, Tempo e Crítica. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais.** 1º de junho de 2007, nº 1(3), vol. 1. p. 55-70.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica.** São Paulo: Hucitec, 1986.

PEREIRA, Diamantino. Paisagens, lugares e Espaços: A Geografia no Ensino Básico. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 79, p. 9-21, 2003.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

RELPH, Zech C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, n. 4, v. 7, p. 1-25, 1979.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** 5. Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. Milton. **Espaço e Método.** 5ª ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade.** Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. Paisagem e Espaço. In: SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** 4. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SAQUET, Marcos Aurélio. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: **RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens.** Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

RIBEIRO, Paulo S. dos S.; SOUZA, Carlos A. da S. **Padrões geográficos de competição eleitoral no Estado do Pará.** Disponível em: <<http://www.sbsnorte2010.ufpa.br/site/anais/ARQUIVOS/GT4-5746020100831215053.pdf>>. Acesso em: 25 março de. 2024

Autor 1:



Guilherme Lima Guimarães

Graduado Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira. Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia – PPGEO da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

E-mail: guilhermelg1995@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2518301608058386>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6455-4489>

Autor 2:



Tainara dos Santos Nascimento

Mba em Gestão Empresarial. Especialista em Marketing Digital (UNIASELVI. Bacharel em Administração pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Email: tainara_ibce15@hotmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9324804551468636>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0134-880X>

Autor 3:



Glauber Barros Alves Costa

Doutor em Educação (UFSCAR) com doutorado sanduíche na Universidade de Lisboa em Portugal (ULISBOA). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Licenciado em Geografia pela UESB-2004 e licenciado em Pedagogia pela Claretiano.

Email: gbcosta@uneb.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7716686318910908>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4368-2964>